

**TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO: cotidianos tecidos
em/com as redes universitárias**

**TECHNOLOGIES OF
COMMUNICATION AND
EDUCATION: everyday life practices
woven in/with university networks**

**TECNOLOGÍAS DE LA
COMUNICACIÓN Y LA EDUCACIÓN:
la cotidianidad tejida en/com las
redes universitarias**

Resumo: A pesquisa realizada como parte do estágio pós-doutoral objetiva mapear as possibilidades de ampliação da educação em redes de *saberesfazeres* mediados por tecnologias comunicacionais. Usa o método cotidiano nas perspectivas de Certeau, Ferraço e Alves em consonância com a hermenêutica da complexidade de Morin, a fim de experimentar tecnologias em redes, como modos de promover a educação também em redes, assim como trazer de volta as aprendizagens geradas nessa tessitura social para a sala de aula. Concluímos que espaços de mediação como o podcast, o *Tiktok*, o *Youtube*, o *Instagram*, o *Linkedin*, os infográficos do *Pinterest*, o *Whatsapp*, assim como o livro impresso, as revistas, os museus, os jogos e os eventos acadêmicos são algumas, entre tantas, tecnologias capazes de atrair os olhares e os corações das pessoas para a educação, ao tempo que ressignificam as práticas cotidianas, produzindo diferenças sobre as repetições, muitas vezes (des) aprendidas nas rotinas pedagógicas.

Palavras-chave: Cotidianos. Tecnologias. Educação. Comunicação. Redes.

Recebido em: 25/10/2023

Aceito em: 24/11/2023

Publicação em: 23/12/2023



Revista Espaço do Currículo

E-ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v16i3.68382

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec>

Cláudio Renato Zapalá Rabelo

Doutor em Educação

Professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

E-mail: cladiorabelo1@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9869-5185>

Kezia Rodrigues Nunes

Doutora em Educação

Professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

E-mail: kezianunes@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6197-1546>

Como citar este artigo:

RABELO, C. R. Z.; NUNES, K. R. TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: cotidianos tecidos em/com as redes universitárias. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 3, p. 1-11, 2023. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i3.68382>.

Abstract: The research carried out as part of the postdoctoral internship at PPGMPE-UFES objectively mapped the possibilities for expanding education in networks of know-how mediated by communication technologies. It uses the everyday method in the perspectives of Certeau, Ferrazo and Alves in consonance with Morin's complexity hermeneutics, in order to experiment with technologies in networks, as ways to promote education in networks, as well as to bring back the learning created in this texture to a classroom. We conclude that mediation spaces such as the podcast, Tiktok, Youtube, Instagram, Linkedin, Pinterest infographics, Whatsapp, as well as the printed book and academic events are some, among many, technologies capable of attracting attention and people's hearts for education, while re-signifying everyday practices, providing differences over repetitions, often (un) learned in pedagogical routines.

Keywords: Everyday life practices. Technologies. Education. Communication. Networks.

Resumen: La investigación realizada en el marco de la pasantía postdoctoral en el PPGMPE-UFES mapeó objetivamente las posibilidades de ampliación de la educación en redes de saberes mediados por tecnologías de la comunicación. Utiliza el método cotidiano en las perspectivas de Certeau, Ferrazo y Alves en consonancia con la hermenéutica de la complejidad de Morin, para experimentar con tecnologías en redes, como formas de promover la educación en redes, así como para recuperar los aprendizajes creados en esa textura. a un salón de clases. Concluimos que los espacios de mediación como el podcast, *Tiktok*, *Youtube*, *Instagram*, *Linkedin*, *Pinterest* infografías, *Whatsapp*, así como el libro impreso y los eventos académicos son algunas, entre muchas, tecnologías capaces de atraer la atención y el corazón de las personas para la educación, al tiempo que resignifica las prácticas cotidianas, proporcionando diferencias sobre las repeticiones, a menudo (des) aprendidas en las rutinas pedagógicas.

Palabras clave: Cotidianos. Tecnologías. Educación. Comunicación. Redes.

1 A ESCOLA COMO HUB DE UMA EDUCAÇÃO-RIZOMA.

A história da humanidade tem mostrado que as tecnologias vêm alterando as dinâmicas das relações sociais de forma exponencial. A pedra polida, a codificação do som em forma de fala com a evolução da laringe e do cérebro, o surgimento do da escrita cuneiforme e o alfabeto foram algumas das tecnologias que deram condições para a formação das primeiras comunidades, obviamente *off-line*, que se organizavam em grupos por laços de família e afinidade social. Desenvolveram e compartilharam estratégias e táticas, que sutilmente incrementavam novas artes de fazer (CERTEAU, 1994), a cada uso, muito antes de aprenderem a morar/cozinhar (CERTEAU, 1996). A caça, a agricultura, a domesticação de animais, os meios de transporte, a arquitetura, as artes, as religiões, a criação de símbolos e mitos para representar a realidade, a literatura, a medicina e as ciências em suas mais plurais manifestações foram, em todo o movimento evolutivo, impulsionados por dois vetores que se destacam: a comunicação e a educação. A comunicação é a técnica que se volta para a conexão e o entendimento entre os sujeitos. Já a educação traz as bases epistemológicas que nos tiram do espaço ordinário e direcionam para um novo lugar, até então desconhecido, onde as sombras da caverna mitificada na alegoria de Platão ganham luz, cor e forma.

A comunicação equivale, no tecido social, ao sistema nervoso no corpo humano. A diferença é que, ao nascer, o homem já traz consigo o seu sistema nervoso, enquanto a sociedade vem trabalhando durante milênios para criar e aprimorar seus meios de comunicação. (COSTELLA, 1997, p. 21)

No decorrer da história cada nova tecnologia trouxe consigo a ampliação da capacidade de aprender. A transformação do calor em energia, a confecção do papel, a exploração do aço, a prensa de tipos móveis, a energia elétrica, o telégrafo, a extração do petróleo, os meios de comunicação de massa, o lançamento dos satélites e a ascensão da internet, são apenas alguns dos exemplos que ilustram as profundas transformações das configurações urbanas tecidas em meio às aprendizagens em redes cotidianas. Ao contrário do que o senso comum parece acordar, Levy (1999) apontou a inadequação das metáforas que associam as tecnologias aos impactos. Elas não transformam a realidade social em relações diretas de causa e efeito, mas a produzem a partir de aprendizagens, culturas e técnicas tecidas em redes. Assim como a mídia (o plural de *medium*) TV generaliza um

ecossistema complexo de comunicação, o aparelho televisor instalado na sala de jantar de uma família, pode nos convidar em direção ao olhar aproximado, como um zoom cinematográfico, onde circulam práticas cotidianas próprias, redes de afetos da alegria ou da tristeza (SPINOZA, 1998), além de movimentos inventivos que muitas vezes escapam ao olhar menos atento.

A sala de aula, por exemplo, funciona como um não-lugar (AUGÉ, 2018) no imaginário coletivo. É um espaço a priori gamificado (RABELO, 2018), com suas características particulares de geografia, espacialidade e estrutura construídos pelo engendramento político da história e das culturas. A representação da escola na mídia por vezes circula como uma espécie de clichê, onde o professor ocupa um lugar de poder, autoridade e luz, cabendo aos alunos cumprir a obrigação de preencher os espaços de disciplina e obediência, equivocadamente tratados como corpos *alumnus* (sem luz), enquanto na verdade a etimologia se refere ao termo *alere*, que em latim significa “fazer aumentar, desenvolver, criar, produzir, sustentar, fortalecer” (MARTINS, 2005, p. 34). Pela perspectiva dos estudos com os cotidianos (FERRAÇO; PEREZ; OLIVEIRA, 2008) é possível aferir que cada um desses espaços escolares não deixa de ser um universo atravessado por outros, com linhas de fuga e fronteiras flutuantes. Seria como observar com a perspectiva do zoom, que só é possível com intervenções tecnológicas, os movimentos táticos que tornam cada sala de aula única e ao mesmo tempo plural. É única, pois não é possível repetir em outro tempo ou lugar. É plural, pois cada praticante é atravessado por realidades distintas, devires provenientes de suas experiências particulares, ou por simulacros (BAUDRILLARD, 1991) capazes de direcionar a atenção para sentidos de real bastante verossímeis.

Cada estudante traz imaterialmente consigo sua família, seus amigos, sua história, suas deficiências ou *supereficiências*. Carregam nas mochilas seus aparelhos de telefone celular, seus livros, seus remédios e seus diários. Alguns têm a fome como companhia, outros trazem os traços da violência doméstica, do racismo, da intolerância relacionada à identidade de gênero, assim como seus amores, crenças religiosas, sonhos e decepções. Estudantes transitam em espaços urbanos, desatentos às placas de outdoor ou ignoram a publicidade no intervalo dos programas de rádio, outros alimentam seus blogs e escutam solitariamente programas de podcast nos meios de transporte. Assistem vídeos on-line e sonham em se tornar celebridades na internet. Outros só pensam em afastar as dores da depressão ou da ansiedade, verdadeiras pandemias dos nossos tempos. Mas todos experimentam a sala de aula como uma espécie de *hub*, um nó na rede, um não-lugar, enxergado, percebido e sentido de formas distintas. Escolas são aglutinadores de experiências, espaços de produção, de troca e de invenção. Professores e gestores escolares precisam ter isso em mente, ao considerar a sala de aula como lugar da multidão e não da massa, onde há uma fluida comunidade de resistência ao condicionamento de uma ideia global (HARDT; NEGRI, 2005). São apenas algumas das perspectivas em redes capturadas enquanto conversava com estudantes universitários nos últimos anos em que atuamos como professores e (ou) gestores escolares.

O rizoma é o conceito (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que se apresenta como anti-edipiano. Muito além de tomar a significação como um processo que considera a livre associação linear de afetos, concatenados em relações de causa e efeito, parte do um pressuposto da metonímia, representada em uma raiz aquática e aérea, sem centro, com várias ramificações, de forma que qualquer ponto é capaz de se conectar ao outro. Assim, nossa perspectiva considera a escola como um *hub*, um nó da rede, um ponto do rizoma, cujos acontecimentos que por lá circulam se produzem mais no que está fora, ou seja, nas linhas de fuga, do que em uma ontologia própria do objeto didático.

2 A INTELIGÊNCIA COLETIVA PARA ALÉM DOS REMÉDIOS E VENENOS

A educação e a comunicação, nesse sentido, têm promovido rizomaticamente os conhecimentos em redes de aprendizagens cada vez mais sutis e complexos. A palavra “tecnologia” já indica o *logos* como parte de seu sufixo. A expressão traz justamente em seu conceito, o conjunto de significados de um discurso, que não se restringem ao enunciado, mas se voltam ao sentido (DELEUZE, 2009). Esse, se constitui como algo virtual, ou seja, se dá principalmente na sua potência de atuação em redes e muito pouco na ontologia do objeto. Isso significa dizer que a internet, as mídias sociais, os dispositivos móveis de comunicação, por exemplo, não passam de artefatos brutos se não forem considerados em seus usos cotidianos, que incluem as diferenças produzidas sobre as repetições.

Ao olhar menos atento, mídias como o *Tiktok*, passam a ser classificadas, por muitos discursos circulantes, como um clichê promotor de “dancinhas”, exposição dos corpos produzidos por filtros digitais e humor efêmero, com pouco ou nenhum sentido educativo. De maneira parecida o *Instagram* muitas vezes é classificado e disseminado, em nome da *doxa*, como uma mídia que dissuade o sentido do real em forma de simulacros de felicidade artificializada pelas estéticas *hiperinventadas*. A própria internet, de forma geral, passa muitas vezes a ser tratada como a responsável pela liquidez das relações e a consequente desconexão do que laços fortes. E por isso, a questão precisa ser problematizada para além das classificações generalistas e dicotômicas. Afinal de contas, a inteligência coletiva produz muito além das polaridades classificadas por Levy (1999) como remédios ou venenos da cibercultura. E é justamente o hibridismo, o rizoma, as possibilidades inventivas e táticas que fluem entre as linhas de fuga das fronteiras que caracterizam a comunicação e a educação em redes cotidianas.

Diante dos contextos tecnológicos e dos desafios educativos na contemporaneidade, este artigo, que faz parte de uma pesquisa do estágio pós-doutoral, tem como objetivo mapear as possibilidades de promoção da educação em redes a partir dos usos inventivos e criativos das tecnologias de comunicação. O desafio motivador desta pesquisa consiste no mapeamento das possibilidades de articulação dos *saberesfazer*s, a priori característicos das práticas socioculturais universitárias, popularizando diálogos em redes que ultrapassam as fronteiras físicas dos *campi*. Além disso, há o caminho de volta, ou seja, aqui nos interessa apreender as táticas que se escondem nas rotinas dos cotidianos em redes, capazes de prover uma educação universitária que não desconsidere a potência de vida em todo o ecossistema social.

A pesquisa se justifica uma vez que temos observado a ampliação da busca das *skills* e do *microlearning* como formas de aprender a aprender, em um contexto laboral e educativo caracterizado pelas mudanças cada vez mais rápidas. Além disso, a desinformação tem tomado conta das mídias sociais e das tecnologias emergentes da comunicação, como o *dark social* (grupos de *Whatsapp* e *Telegram*), os *microblogs*, os programas de *podcast* e até mesmo os *e-mails* disparados por *bots*. Soma-se a isso a simulação de opiniões fabulosas, produzidas por inteligências artificiais e disseminadas em redes. Por que deveria então a Universidade, com sua vocação voltada para o conhecimento científico, a justiça social e o fomento cultural, negligenciar a potência da ocupação de tais espaços e o manejo das tecnologias em redes como formas de extensão social, cultural e educativa?

Se muitos falam em transformação digital, presença e comunicação com os públicos em todos os pontos de contato, por que a universidade não pode aproveitar a potência *omnichannel* (RABELO, 2023) ou multicanal em prol da educação? De toda forma, não tratamos aqui as novas tecnologias como artefatos meramente digitais, mas consideramos todas as novas formas de produzir educação em redes.

Um dos maiores desafios das Universidades atuais consiste no combate aos índices de evasão e retenção. Ou seja, a questão da permanência. E isso também se torna fator motivador que justifica o tema da pesquisa, uma vez que as tecnologias podem e devem ser exploradas para melhorar a experiência dos públicos, a eficácia comunicacional e educativa, além de contribuir na solução de problemas administrativos e sociais que, muitas vezes, impedem uma educação plena.

Dessa forma, o método cotidianista adotado pelos grupos de pesquisa que se apoiam em Michel de Certeau, Carlos Eduardo Ferraço, Inês Oliveira Barbosa e Nilda Alves, será predominantemente utilizado como modo de pesquisa. O recorte será voltado para analisar as mídias utilizadas para negociar as redes de sentidos que se retroalimentam rizomaticamente entre a sala de aula, os espaços da Universidade, os ambientes urbanos e as tecnologias sociais de comunicação. Assim como Greimas (1973) concorda que o discurso é imanente (e não transcendente), ou seja, produz a realidade e não somente fala sobre ela, seguimos a lógica de que a microaula no *Tiktok*, por exemplo, além de potencialmente replicar parte de um conteúdo universitário para uma população não universitária, ao estender seu conteúdo para além dos muros, também o usa como forma de material didático, transformando também as redes presenciais *na/com a* Universidade. Resumidamente, há aqui o interesse em levar a Universidade (e a educação em qualquer nível) para as pessoas e trazer as culturas vividas com essas pessoas para as Universidades e para as escolas.

3 A COMPLEXA SIMPLICIDADE METODOLÓGICA DOS COTIDIANOS

A pesquisa tem como inspiração os princípios da hermenêutica, a saber, a da complexidade, uma vez que abarca duas áreas bastante complexas, capazes de tecer diálogos transdisciplinares: a comunicação e a educação. A palavra inspiração é utilizada para não restringir o tema à inocência em uma crença de que a soma das partes seria capaz de explicar a totalidade.

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2000, p. 38)

Nesse sentido, o método cotidianista será o guia da pesquisa, uma vez que cada sujeito, mídia, texto e prática cotidiana poderá ser considerado como pista para a formulação dos resultados. Pesquisador e objetos de pesquisa são indissociáveis neste contexto. E todos os possíveis espaços de educação e comunicação experimentados serão considerados.

Outro aspecto a ser por nós considerado vai ao encontro dos movimentos de tessitura e partilha dessas redes. Questões, temas, objetos de análise só se sustentam na perspectiva da pesquisa com o cotidiano quando se mostram como envolvidas, como inerentes aos processos de tessituras das redes que estão sendo tecidas pelos sujeitos cotidianos. (FERRAÇO, 2007, p. 79)

E assim, a sala de aula, o auditório, as palestras, as entrevistas na mídia de massa, os artigos nos blogs, os eventos, os livros, o *podcast*, as postagens no *Tiktok*, *Instagram* (*Reels, feed, stories*), *Youtube*, *Shorts*, *Linkedin*, *Pinterest*, os diálogos em redes de *dark social* como o *Whatsapp*, além dos cursos *Mooc* (*massive on-line open courses*), das plataformas de ensino como o *AVA* e o *Classroom*, as videoconferências, ou seja, tudo o que pode ser midiaticado também pode ser canal de experimentação da educação em redes.

Temos percebido, por exemplo, que conteúdos curtos com até três minutos, publicados no formato vertical em mídias sociais, têm fomentado diálogos, comentários e compartilhamentos capazes de convidar sujeitos em redes em direção ao interesse escolar ou acadêmico. Além disso, uma mídia não se encerra nela mesma, mas produz movimentos que diluem as fronteiras. Tomamos como exemplo a publicação de dois vídeos curtos onde são conceituados os cursos *Mooc*¹, com um convite aos públicos para que possam se matricular no projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo. Eles foram veiculados em duas plataformas e até o momento desta escrita, foram aferidos os seguintes resultados, conforme demonstra o quadro 1:

Quadro 1 – Engajamento do vídeo explicativo sobre o Curso *Mooc* (Extensão). Outubro de 2023

Métrica	Tiktok		Instagram		Total
	Video 1	Video 2	Video 1	Video 2	
Alcance	5134	119.100	1011	3046	128.291
Reações (curtidas)	744	13.000	78	186	14.008
Salvos como favoritos	118	6.897	9	27	7.051
Compartilhamentos	87	3.142	22	156	3.407
Comentários	76	323	6	31	436

Fonte: Dos autores (2023)

A simplicidade metodológica dos cotidianos é assim considerada como uma metonímia, ocupando o lugar que afasta o fator eufórico negativo relacionado ao rigor inquestionável das ciências modernas, assim como evita o aprisionamento ao universo ou às ferramentas da pesquisa. É simples por

¹ Plataforma de cursos massivos gratuitos abertos *on-line* da Universidade Federal do ES. Acesso em mooc.ufes.br

não ser confusa, por ter na pesquisa uma ferramenta de produção de sentido e potência de vida baseada na observação do que é sutil, cotidiano ou ordinário. Pesquisar com os cotidianos não diz respeito à mera observação do outro, mas à produção da realidade ao tempo em que a descortina. Por isso também é complexa, por ser tecida em conjunto. E assim, vamos produzindo os conteúdos para projeção em sala e expansão nas mídias digitais. E trazemos de volta as conversas, as dúvidas, as sugestões, as inquietações capturadas nessas redes para nossa *práxis* educativa. O mesmo fazemos com os artigos no *LinkedIn*, a produção de *blogs*, vídeos para *Tiktok*, *Instagram* e *Youtube*, as salas de aula no *Google Classroom*, os infográficos no *Pinterest*, os episódios de *podcast*, os roteiros das visitas técnicas, os jogos educativos para a sala de aula, as opiniões para veiculação nos jornais, os eventos no auditório, as visitas técnicas, as *playlists* para o *Spotify* e as listas de *e-mail*. Todo meio de comunicação não deixa de ser um meio de educação.

Não desconsideramos a perspectiva apocalíptica que clama pelo minimalismo digital, a pandemia de estresse, agorafobia, depressão, ansiedade e terror noturno como fenômenos contemporâneos, que afetam principalmente os jovens e cujas consideráveis parcelas de origem residem no uso indiscriminado das mídias digitais. Porém, não tratamos as tecnologias como remédios ou venenos, mas como ferramentas que podem ser ressignificadas, inventadas e utilizadas como meios de potência de vida, se isso fizer sentido para todos os atores que experimentam os cotidianos educativos. Assim como a TV, o teatro, as rodas de conversa, as músicas, a poesia, os eventos culturais, os livros didáticos, as cópias reprográficas, o retroprojetor, o quadro negro, as fanzines, as maquetes, os murais, a rádio poste, os laboratórios de informática, as salas de arte e a biblioteca foram e continuam sendo importantes intercessores didáticos, consideraremos as novas mídias como as interfaces, que não substituem as ferramentas já dispostas, mas se entrelaçam inventivamente como possibilidades para uma sala de aula expandida. E este é um convite para todos os professores.

Como um caminho epistemológico-político para pensar a complexidade dessas redes que se tecem em meio aos diferentes movimentos e contextos vividos com as escolas, permanentemente, atravessados pelas inúmeras experiências desses praticantes com os outros contextos da vida a que pertencem e os constituem, apostamos, humildemente, na possibilidade de ir tecendo uma teoria das práticas produzidas em águas que se insinuem por toda a parte, que circulam sem serem vistas nesses cotidianos, que se deslocam e aos poucos vão erodindo os materiais impostos pelos modelos de produção, pelas práticas de consumo que se contentam em classificar, calcular e homogeneizar. (NUNES; GOMES, 2016, p. 44-45)

A imagem a seguir (FIGURA 1), demonstra as métricas referentes a quatro semanas com postagens no *Tiktok*, com aulas e conteúdos voltados para a divulgação científica. Vídeos com temas despretensiosos como a literatura, o cinema, a mitologia, a cultura *pop* e a nostalgia, convidam também os espectadores para conhecer temas que envolvem temas como a filosofia, a antropologia, a psicologia, a sociologia, a comunicação, a educação e as artes. Importante reforçar em caráter didático, que a letra K representa o número 1000, quando tratamos sobre métricas digitais.

Figura 1 – Métrica do *Tiktok* referente ao período compreendido entre 01/08 a 29/09 de 2023



Fonte: Print de tela dos autores. Acesso em 29/09/2023

Os principais objetivos da pesquisa são voltados para a utilizar das tecnologias de comunicação em redes a fim de melhorar o processo educativo em um caminho circular, que envolva a sala de aula e toda a sociedade. Assim, a escola educa a sociedade ao tempo que é educada por ela. Por exemplo, um dos conteúdos produzidos para o *Tiktok*, entre os mais acessados, compartilhados e comentados, desmitifica as notícias falsas (*fake news*) disseminadas por *bots* que demonizam a figura de Paulo Freire e atacam a educação. O vídeo que pode ser acessado pelo QR Code (FIGURA 2) ou pelo *link*² contextualiza a história do educador, suas perspectivas didáticas e sua importância na história da pedagogia mundial. O conteúdo foi exibido e também utilizado como forma de roda de conversa na sala de aula, além de promover diálogos com os públicos nas mídias sociais. O vídeo foi assistido por 122 mil pessoas, “curtido” por 16 mil, além de contar com 800 comentários e ter sido salvo como conteúdo favorito por 1609 perfis (acesso em 30 de agosto de 2023). Ainda sobre a inspiração de Freire para esta pesquisa, compreendemos a potência das novas tecnologias para a ampliação e problematização da educação em redes, uma vez que:

“NINGUÉM EDUCA NINGUÉM, NINGUÉM EDUCA A SI MESMO, OS HOMENS SE EDUCAM ENTRE SI, MEDIATIZADOS PELO MUNDO.” (FREIRE, 1987, p. 79)

Figura 2 – QR Code com link para aula no *Tiktok* sobre Paulo Freire



Fonte: Imagem gerada pelos autores.

Não é por acaso que a citação de Freire desponta em caixa-alta e com recurso estilístico ao modo de uma poesia concreta na *Pedagogia do Oprimido* (1987), pois trata-se de um convite para a atenção ao tema. A obra aborda a crítica à educação bancária e nos convida, como docentes, a uma reflexão acerca dos nossos papéis em consonância com a emancipação dos oprimidos, começando a partir da crítica aos próprios discursos circulantes em torno dos locais de discurso e poder. Não somos nós que falamos, mas os discursos nos usam como hospedeiros para circular e conjurar seus poderes. Este mesmo aspecto também é abordado por Fanon (2020), Foucault (1996), Greimas (1973) e Baudrillard (1991), como novas problematizações em torno da alegoria da caverna de Platão. Por que então a educação deve se confinar na sala de aula, como uma caverna, ou na grade do currículo, onde as articulações de *saberesfazer*s e poderes se revelam muitas vezes próximas ao presídio, à fábrica e aos hospícios?

Como objetivos continuamos com a expectativa de:

- Qualificar o ensino universitário com as possibilidades de tecnologias comunicacionais em redes;
- Inspirar os demais educadores, nos mais distintos níveis e modalidades de ensino para o uso inteligente das tecnologias de comunicação e educação;
- Mapear possibilidades estéticas, éticas e lógicas capazes de melhorar as experiências dos usuários em todos os níveis de educação;
- Propor estratégias para ampliar o alcance, o valor, o interesse por parte de públicos afastados da educação formal, melhorar a experiência dos educandos, o gerenciamento dos processos escolares e a eficácia no sentido educativo.

² Acesso em <https://www.tiktok.com/@claudiorabelo2/video/7181230727307005190>

4 A UNIVERSIDADE E A SOCIEDADE COMO TESSITURAS DAS REDES DE APRENDIZAGEM

O aspecto motivador da pesquisa, parte de nossa tentativa de estreitar os espaços da realidade da Universidade com toda a sociedade. Ao produzir cursos Mooc (*massive on-line open courses*), alcançamos pesquisadores de outras instituições, resultando em convites para eventos, grupos de pesquisa e compartilhamento de experiências entre temas comuns. Estudantes afastados da Universidade passaram a acompanhar as produções em mídias sociais como *Tiktok*, *Instagram* e *Youtube*. Por meio de mensagens diretas solicitam indicações bibliográficas e debatem sobre temas acadêmicos. Alguns se encorajam para frequentar os eventos e até mesmo as aulas presenciais na Universidade. Tais tecnologias também permitem a audiodescrição, a tradução em Libras e em outras línguas, ampliando ainda mais os diálogos e campos de interesse didático. E assim, o ensino das novas mídias é visto como algo que não se restringe aos estrategistas da comunicação social, da propaganda ou aqueles que trabalham diretamente com a mídia, como os jornalistas e designers. Temos a urgência em promover uma educação para a mídia, considerando assim a escola como importante espaço crítico-reflexivo, que não desconsidera a *práxis*. Os aspectos vividos dos currículos em redes, a formação continuada de educadores e a gestão escolar são como pontos de um rizoma que não se excluem das demais esferas da sociedade, devendo abandonar a pretensão hierárquica, dicotômica ou segregadora. Sobre os cotidianos Lefebvre (1991, p. 24-25) nos convida a uma importante reflexão:

Neste sentido, para o filósofo que aprendeu a atitude filosófica (contemplação, especulação), a vida cotidiana oculta o misterioso e o admirável que escapam aos sistemas elaborados. Os filósofos se surpreendem com ela mais do que com qualquer outra coisa da natureza ou da arte. Quantas vezes eles observaram como o primeiro filósofo profissional, aquele que nada escreveu, Sócrates, só falava de coisas corriqueiras para iniciar o diálogo filosófico: falava de vasos com o ceramista, de sapatos com o sapateiro.

Assim, a pesquisa em questão trata de temas transversais como *microlearning*, educação em redes, experiência dos usuários, cotidianos menores e redes *hipercurriculares* (RABELO, 2021) no contexto da educação pública. Temos conseguido trazer o interesse das redes para os temas da academia, conforme demonstra a figura 3. Também apostamos na potência das tecnologias em redes para melhorar os índices de avaliação, permanência e desempenho nos diferentes níveis de educação.

Sobre o encantamento em relação às pesquisas com o cotidiano, Lefebvre ainda questiona: “diante do cotidiano a filosofia encontrará essa surpresa ingênua e anunciadora? Pode ser, mas, mesmo que isso aconteça, a surpresa oscilará entre o desdém e a admiração.” (LEFEBVRE, 1991, p. 25).

Figura 3 – Comentários publicados por seguidores do canal educativo no Tiktok



Fonte: montagem produzida pelos autores. Outubro de 2023.

As tecnologias emergentes permitiram novas dinâmicas capazes de transformar a sociedade em redes. O excesso de informação (e desinformação), a cultura participativa, a inteligência coletiva, as narrativas transmidiáticas, a internet háptica, vestível e das coisas, as cidades inteligentes, o teletrabalho, a EAD, o *microlearning*, a despolarização dos polos de emissão e uma série de outros fenômenos recentes têm afetado e influenciado mudanças desde os regimes de trabalho, passando pelas questões de saúde pública (ansiedade, depressão, agorafobia, terror noturno, etc), relacionamentos interpessoais e em grande escala as formas de aprender em redes. O modelo escolar centralizado, hierárquico, seriado e classificatório se mostra questionável em contextos que já não suportam o mesmo *modus operandi de uma* educação diretiva. Docentes que ocupam lugares de saber e despejam durante quatro horas ininterruptas os seus saberes acumulados, ajudam a fortalecer uma lógica que parece não ter mais sentido diante dos novos cenários, que demandam a compreensão das relações e dos sentidos plurais que constituem os sujeitos em redes.

De protagonistas a coautores, docentes devem compreender que os estudantes não são pinos de um tabuleiro, ou tijolos nos muros da escola panóptica, ocupando lugares de passividade educativa. Longe disso, são pontos de um rizoma trazendo consigo experiências de redes complexas. São mulheres negras, mães, pessoas trans, filhos de apenados, herdeiros de empresários, trabalhadores que buscam um segundo diploma, jovens com depressão ou ansiedade, trabalhadoras domésticas, estudantes em intercâmbio, pessoas com deficiência, idosos... alguns já trabalham desde muito jovens, outros nunca tiveram uma experiência profissional. Há aqueles que dominam várias tecnologias e (ou) têm acesso às diversas bibliografias. Cada um desses sujeitos em redes é atravessado pelas mais diversas experiências de vida. O que cada um pode contribuir para a sala de aula? O que trazem de experiência social para o processo educativo na escola? E o que podemos, em redes, levar da sala de aula para a sociedade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste extenso cenário de pesquisa esperamos nortear o trabalho docente para a contemplação de cenários expandidos que envolvem a sala de aula. Nesse sentido, a avaliação de todo o processo educativo deve ser contextual e complexa (tecida em conjunto) em vez de classificatória e discriminatória. Temos a intenção de ampliar o sentido de extensão da Universidade, incentivando o compartilhamento de conteúdo para a resolução de problemas sociais, a inspiração de pessoas e produção de atratividade para o campus. Também temos experienciado como a compreensão acerca do potencial pedagógico ainda é pouco explorado em relação ao uso da inteligência coletiva, da cultura participativa e das narrativas transmidiáticas (JENKINS, 2008) no combate à desinformação, a fim de produzir de uma educação de valor para a sociedade.

Somos capazes de mostrar que as ferramentas estratégicas podem e devem ser boas para quem faz e para quem é impactado por elas. Pois, embora a publicidade ou o marketing equivocadamente estejam, por vezes, associados ao lado negativo do capitalismo exacerbado, temos encontrado novos caminhos que vêm provando justamente o contrário, que eles podem alinhar o crescimento econômico com outros valores fundamentais, como a responsabilidade social, ambiental, a defesa dos direitos humanos e o respeito às diferenças. (RABELO, 2023, p. 21)

O estudo em questão poderá ser aproveitado e aplicado nos variados contextos da gestão escolar, nos processos atinentes ao ensino e à aprendizagem na sala de aula, fomento da discussão eventos científicos e acadêmicos, publicações especializadas. Além disso, trazemos a perspectiva voltada para a motivação da participação social na construção de uma educação plural e democrática. Isso atravessa pelo menos quatro importantes eixos da universidade: ensino, pesquisa, extensão, administração.

Em relação à gestão escolar, especialmente nas coordenações de curso, nossa análise se apresenta como um convite para pensar nos modos de como as tecnologias em redes podem contribuir para a melhoria das experiências nos atendimentos, a avaliação de cenários, o acolhimento de estudantes, o cuidado com a permanência (retenção e evasão), a transparência, a administração de

contingências e a resolução eficaz de problemas acadêmicos.

Para a sala de aula, enxergamos os delineamentos da pesquisa como formas de inovar com as metodologias de educação, no que diz respeito ao ensino, aprendizagem, avaliação e desempenho. Por exemplo, disciplinas relacionadas às novas mídias, sociabilidade contemporânea e formação de educadores podem adotar tais perspectivas. Embora a semente deste caminho epistemológico tenha brotado em disciplinas que cujos olhares são voltados para a problematização da comunicação e da educação em mídias digitais, sua virtualidade se encontra justamente na potência dos encontros, dos lugares inesperados, da transversalidade da fala e das disciplinas. Portanto, não se trata apenas de uma experiência individual, mas um convite para que os demais professores, nas mais diferentes instituições e nos mais distintos níveis possam abraçar a ideia de “aprender a aprender” em redes.

Para além das importantes contribuições em revistas científicas, congressos e seminários, também há que se considerar os diferentes espaços e linguagens das mídias para uma educação que considere o social e o histórico como aspectos indissociáveis da cultura. Assim, também temos a clareza de considerar o *Tiktok*, o *Instagram*, as charges, os cartuns, os memes, os infográficos, os episódios de *podcast*, as transmissões ao-vivo, os artigos no *LinkedIn*, os projetos de extensão como inextricáveis ferramentas pedagógicas, capazes de diluir as barreiras que impedem o interesse e o acesso à educação. E isso se afasta de uma pura caracterização da digitalização educativa, tampouco desconsidera a exaltação cega de suas implicações. Ao contrário, não se trata de levar a sala de aula para o ciberespaço, mas usar toda a inventividade que cabe ao professor, para trazer o interesse das pessoas em redes, sejam elas quais forem, para o universo da educação.

Esta pesquisa não é conclusiva, pois se produz em um campo de problematização constante. Cada nova tecnologia não surge como aspecto isolado capaz de produzir mudanças sociais em relações diretas de causa e efeito. Elas são moldadas com os usos, ressignificadas e reinventadas em redes de *saberes-fazer* cotidianas. Portanto a motivação da pesquisa se afasta de exacerbar o valor da aprendizagem repetitiva, seja esta pedagógica ou comunicacional. Trata-se de um constante movimento de afirmação e reafirmação: muito mais importante que aprender, quase um mantra, é a necessidade de “aprender a aprender”.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 2018.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COSTELLA, Antônio F. **Da caverna à galáxia**. Comunicação em debate. São Paulo: Moderna, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DELUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Volume 01. São Paulo: Ed.34, 1995.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu editora, 2020.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**, v.28, n. 98, p. 73-95, 2007.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmem Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (orgs). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GREIMAS, Algirdas Julius. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.
- LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTINS, Evandro Silva. Etimologia de alguns vocábulos referentes à educação. **Revista Olhares e Trilhas**, ano VI, n. 6, p. 31-36, 2005.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. - 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2000.
- NUNES, Kezia Rodrigues; GOMES, Maria Regina Lopes. ...e escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **...currículos em redes**. Curitiba: CRV, 2016. p. 41-60
- RABELO, Cláudio. **Faixa preta em publicidade e propaganda**. Vitória: GSA, 2018.
- RABELO, Cláudio. Sobre os cotidianos menores e as redes hipercurriculares. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Multiplicidades e diferenças e cotidianos e pesquisas em currículos e....** vol. 2. Curitiba: CRV, 2021. p. 79-90
- RABELO, Cláudio. **A estratégia do cafezinho**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2023.
- SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva. São Paulo: Autêntica, 1998.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).